



NOTICIAS INTERNACIONALES AL 10/02/2017

BRASIL	2
Presión a la baja predomina en el mercado ganadero.....	2
Escasos los embarques de la primera semana de febrero.....	2
Temer defendió el fin de obstáculos comerciales dentro del Mercosur.....	2
RUSIA anunció auditoría para habilitar plantas en marzo.....	2
MALASIA misión audita plantas frigoríficas y de harina de carne.....	2
Frigorífico de Rio Grande do Sul fue aprobado para EE.UU.	3
Cae consumo de carnes bovinas. En 2016 fue el menor en quince años.....	3
URUGUAY	3
Un mercado demandado y firme para las haciendas.....	3
Uruguay apuesta a Rusia aunque no espera que compre más carne vacuna.....	4
“No hay indicios de una mayor demanda rusa por carne vacuna uruguaya”.....	5
Rusia seguirá siendo una alternativa válida para la carne vacuna uruguaya.....	5
Esperan aumento en la demanda de carne vacuna por parte de Rusia en el segundo semestre.....	5
Visita Alemania e Presidente Vázquez: positiva recepción de importadores de carne.....	6
PARAGUAY	6
Novillo cotiza US\$ 3,20 y “se dificulta conseguir oferta”.....	6
¿Por qué Paraguay no asistió a ProdExpo Moscú?.....	7
ESTADOS UNIDOS	7
USMEF: Exportaciones con resultados satisfactorios en 2016.....	7
El stock de ganado vacuno en EE.UU. creció un 2% durante 2016.....	8
Proyección para 2017: más cantidad de carne bovina y reducción de la oferta de carne porcina y aviar.....	8
Industria ganadera de EEUU preocupada por el enfrenamiento de Trump con China y México.....	9
Representantes de la producción cárnica piden a Trump negociar acuerdo de libre comercio con JAPON.....	10
VARIOS	10
RUSIA suspendió la importación de carne vacuna de NUEVA ZELANDA.....	10
AUSTRALIA	11
Evalúan volver a aprobar las importaciones de carnes bovinas de EE.UU. que estaban prohibidas desde 2001.....	11
Exportaciones se mantuvieron bajas en enero.....	12
Se realizó el primer embarque de Ganado vivo hacia CHINA.....	12
Exportaciones de carnes grainfed cerca del record de 2015: 260 mil toneladas.....	12
RUSIA prohíbe el ingreso de carnes y subproductos de BIELORUSIA.....	13
COREA DEL SUR confirma un caso de fiebre aftosa.....	13
INDONESIA fallo judicial restringe importaciones de la INDIA.....	13
EMPRESARIAS	14
Tyson Foods registró importante aumento en sus ganancias.....	14
JBS cerró plantas en los estados de São Paulo y Goiás.....	14
Autoridades gestionan reapertura de frigorífico de JBS en Mato Grosso do Sul.....	14
Frigorífico Guaraní exportó más de 20.000 toneladas de carne en el año 2016.....	14



BRASIL

Presión a la baja predomina en el mercado ganadero

Sexta-feira, 10 de fevereiro de 2017 A pressão de baixa ainda é o cenário predominante no mercado do boi gordo.

Em São Paulo, segundo levantamento da Scot Consultoria, a maior parte das ofertas de compra ficou situada entre R\$145,00/@ e R\$146,00/@, à vista, na última quinta-feira (9/2).

Contudo, os negócios e as referências resistem aos preços mais baixos e têm apresentado queda de forma gradual.

As escalas de abate estão relativamente enxutas, e a possibilidade de retenção de boiadas em algumas regiões (melhor capacidade de suporte das pastagens) resultam em um fluxo de negócios mais lento.

Assim, o principal componente da pressão baixista é o mercado da carne. A dificuldade de escoamento da produção tem sido uma constante desde o início do ano.

Escasos los embarques de la primera semana de febrero

Quinta-feira, 9 de fevereiro de 2017 - Segundo dados do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços, na primeira semana de fevereiro deste ano o Brasil exportou 12,3 mil toneladas de carne bovina in natura.

A média diária foi de 4,1 mil toneladas no período, uma alta de 3,5% em relação a janeiro de 2017, entretanto, em relação ao mesmo período do ano passado, o volume embarcado diminuiu 21,5%.

Caso o ritmo se mantenha ao longo do mês, as exportações deverão ficar próximas de 61,5 mil toneladas, o que representaria uma queda de 38,0% em relação ao exportado no acumulado de fevereiro de 2016, quando foram exportadas 99,2 mil toneladas de carne bovina in natura.

Temer defendió el fin de obstáculos comerciales dentro del Mercosur

08/02/17 - por Equipe BeefPoint O presidente Michel Temer disse nesta terça-feira (7), em uma declaração à imprensa ao lado do presidente da Argentina, Mauricio Macri, que os dois concordaram em adotar medidas para eliminar “obstáculos ao comércio” dentro do Mercosul.

Temer disse ainda que ressaltou a Macri a importância de se reduzir ao mínimo barreiras fitossanitárias no comércio entre os dois países. Um dos principais pontos de reclamação de exportadores brasileiros à Argentina são essas barreiras impostas para a entrada de produtos brasileiros no país vizinho.

O presidente brasileiro defendeu ainda uma maior integração da América Latina, especialmente a América do Sul e o México, visando futuras negociações entre o Mercosul e a Aliança para o Pacífico. O último bloco é formado por Chile, Colômbia, México, Peru e Costa Rica.

Na avaliação de Temer, diante de mundo “de tantas e tamanhas incertezas”, a visita oficial de Macri é uma “resposta” para mais cooperação e integração entre os países.

Em sua fala, o presidente Mauricio Macri concordou que Brasil e Argentina devem ser “aliados do século 21”. Além de outros países interessados em negociar com os brasileiros e argentinos, ele afirmou que a mudança de cenário mundial pode fazer com que o México “se volte mais ao sul”.

RUSIA anunció auditoría para habilitar plantas en marzo

06/02/17 - por Equipe BeefPoint Uma missão russa está confirmada para o mês de março no Brasil com o objetivo de habilitar novas plantas frigoríficas de carne.

A visita dos russos no Brasil foi anunciada para o secretário-executivo do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), Eumar Novacki, durante sua passagem por aquele país nesta semana. De acordo com o Mapa, o governo russo liberou alguns estabelecimentos que exportavam carne bovina, porém estavam com os embarques suspensos.

Ainda durante a conversa entre Novacki e representantes do governo russo, ficou definida ampliação de vendas do Brasil em produtos lácteos, frangos e suínos.

Também ficou acertada a facilitação para a aquisição de fertilizantes russos.

Segundo o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, o Comitê Agro Brasil-Rússia, criado há alguns anos, será reestabelecido e uma reunião já está prevista para ocorrer em solo brasileiro no mês de abril. Uma das pautas a ser trabalhada na ocasião será a prospecção de produtos que possam ampliar o volume de negócios.

MALASIA misión audita plantas frigoríficas y de harina de carne

08/02/17 - por Equipe BeefPoint Uma equipe sanitária da Malásia está no Brasil para auditar plantas frigoríficas e fábricas de farinhas de origem animal. A missão que começou ontem e segue até o dia 16, vai visitar 10 estados.



O grupo vai renovar a autorização das unidades brasileiras para que continuem a exportar farinhas, carne congelada de bovinos e de aves para a Malásia. Serão visitados estados de Rondônia, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Pará, Tocantins, Minas Gerais, Paraná, São Paulo e Rio Grande do Sul. De acordo com o Ministério da Agricultura, existe a perspectiva de que a Malásia compre também búfalos e ovinos do Brasil, em função das condições sanitárias oferecidas. A Malásia busca diversificar seus fornecedores de gado vivo. Atualmente, o país importa cerca de 250 mil cabeças/ano de bovinos vivos.

Frigorífico de Rio Grande do Sul fue aprobado para EE.UU.

06/02/17 - por Equipe BeefPoint O frigorífico da Marfrig em São Gabriel, no Rio Grande do Sul, recebeu autorização para exportar carne bovina in natura aos Estados Unidos. Segundo o Ministério da Agricultura, é a primeira planta do Estado a receber o aval para vender o produto àquele mercado. A Marfrig confirmou que o documento de habilitação data do dia 23, mas não forneceu mais detalhes.

Atualmente, 11 estabelecimentos estão habilitados para exportação de carne in natura aos EUA. A primeira remessa de carne bovina in natura brasileira chegou ao país em setembro.

Segundo a Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes (Abiec), os norte-americanos importaram do Brasil, no ano passado, 846,25 toneladas da proteína in natura, no valor de US\$ 3,348 milhões.

Cae consumo de carnes bovinas. En 2016 fue el menor en quince años

Por Blasina y Asociados, especial para El Observador 04/02/17

El consumo de carne vacuna en Brasil cayó en 2016 a su menor nivel en 15 años en una conjunción de menor oferta y deterioro en la capacidad de compra de las familias. Este año la tendencia podría estabilizarse por una recuperación de la producción que podría no ser volcada enteramente al mercado externo y a una tímida mejora del consumo interno.

Según la consultora MB Agro, el consumo de carne vacuna per cápita en Brasil cerró el año pasado en 30,7 kilos, una baja de 1,9% y el menor nivel desde 2011. Así lo consignó un informe de Valor Económico, que también consultó a otros analistas del sector. La firma Agroconsult, por ejemplo, manejó un descenso de 6,6%, aunque ubicándolo en 36,8 kilos per cápita. Mientras MB Agro toma los datos oficiales de faena, Agroconsult incluye la que se realiza sin inspección sanitaria.

Para las consultoras en 2017 habrá una tímida recuperación del consumo debido fundamentalmente a una mayor producción esperada. "Estamos con stocks grandes de animales y vamos a tener un aumento significativo de la faena", dijo el coordinador de ganadería de Agroconsult, Mauricio Nogueira. Para la firma la producción de carne vacuna crecerá entre 7% y 11% en 2017. Con mayor oferta, crecería el consumo ya que no toda la producción adicional será exportada.

Analistas de Rabobank estiman, en tanto, un incremento cercano a 3% de la producción de carne vacuna este año que agregará entre 250 mil y 300 mil toneladas a la oferta total. Para el analista del banco, Adolfo Fontes, si las exportaciones no pudieran absorber la oferta adicional, el consumo doméstico podría ser estimulado.

Al margen de las exportaciones, las expectativas de Rabobank es que el consumo interno de carne vacuna crezca debido a la prevista recuperación de la economía. El banco prevé una expansión del PIB de entre 0,5% y 1%. Si bien es un porcentaje pequeño, sería suficiente para estimular el consumo.

En MB Agro creen que habrá un "pequeño" aumento del consumo doméstico de carne vacuna. A su juicio, en 2017 los precios de la carne aviar y porcina deberán ser más atractivos luego de encarecerse junto al precio del maíz en 2016.

El analista César Castro Alves estimó que para que el consumo tenga un repunte relevante, el crecimiento de la oferta vacuna debería ser superior a la esperada. MB Agro maneja una expectativa de aumento de la producción vacuna de 3% en 2017.

URUGUAY

Un mercado demandado y firme para las haciendas

Por Blasina y Asociados, especial para El Observador Febrero 10, En la reposición suben las categorías de invernada; en ovinos el mercado está complicado

Con una faena alta y entradas cortas de una semana, el mercado de haciendas está demandado y firme; los precios siguieron sumando algunos centavos en el correr de la última semana.

El precio de referencia del novillo se mueve en el eje de US\$ 2.95 por kilo de carcasa para el novillo gordo. Se destacó esta semana que se han logrado operaciones puntuales a US\$ 3,00 por kilo, lo cual no se daba desde diciembre pasado.

Mientras tanto, en vacas los precios están entre US\$ 2,65 y US\$ 2,70 por kilo, dependiendo de los kilos de carcasa logrados.



Por otra parte, la faena semanal de bovinos trepó a 48.790 cabezas, lo que representó un descenso de 1% frente a la anterior, pero 9% más en la comparación interanual.

La faena de vacas llegó a 25.126 cabezas, 4,4% más en la comparación semanal y 7% más en la interanual. Las vacas representaron 51,5% de la faena semanal. Los novillos retrocedieron 6% en la semana hasta 22.733 cabezas, en la comparación interanual estuvieron 12% por encima.

Respecto a la faena, se destacó el valor mensual alcanzado en enero, 193.802 cabezas, es la mayor faena para un enero desde 2009. Ese año se debió a la sequía y este a la oferta forrajera excepcional.

En la quinta semana de entrada de vigencia del decreto, el promedio de dressing (limpieza de la res) en novillos alcanzó a 7,4% y en vacas 7,7%. Las plantas con menor dressing en novillos fueron Cledinor, con 6,2%; y Canelones y BPU, 6,7%. En vacas, Cledinor, 7,0%; Casablanca, 7,2%; y BPU, 7,3%.

Mientras tanto, la reposición se encuentra muy demandada en todas las categorías y con poca oferta, que está pretenciosa y se hace difícil concretar los negocios.

El mercado no está formado y estuvo a la expectativa de que el remate de Plazarural marcara las referencias. Ante la ausencia de la exportación esta fue una oportunidad de los invernadores de comprar sin competencia.

Las categorías de invernada tuvieron subas importante frente al remate anterior, las vacas de invernada cotizaron a US\$ 1,28 por kilo, casi 7% más que el remate anterior; los novillos de 1 a 2, a US\$ 1,76, subieron 8%; los novillos de 2 a 3 a US\$ 1,57, casi 7% más; y los novillos de más de 3 años a US\$ 1,48 por kilo, 7,2% más; los terneros a US\$ 2,13, un 4% más que en el remate pasado (más información en página 13).

En tanto, el precio promedio de exportación de la carne bovina en la semana retrocedió casi 6% hasta US\$ 3.440 la tonelada y 7% frente a un año atrás. El acumulado anual trepó a US\$ 3.414 la tonelada, 4,3% menos a un año atrás (US\$ 3.566).

En resumen: la demanda está activa y absorbe toda la oferta, que está bien posicionada ante un verano favorable.

Uruguay apuesta a Rusia aunque no espera que compre más carne vacuna

Febrero 7, 2017 Comenzó la participación en la mayor feria de alimentos y bebidas de Europa del este Uruguay sigue apostando al mercado de Rusia para colocar carne vacuna y lo volvió a demostrar ayer al inaugurarse la ProdExpo en Moscú, la feria más grande de alimentos y bebidas del este de Europa.

"Esta es una apuesta de mediano plazo", dijo a El Observador el presidente del Instituto Nacional de Carnes (INAC), Federico Stanham, en alusión a que Rusia se encuentra viviendo una crisis económica, además de las sanciones que le aplicaron EEUU y la Unión Europea (UE) tras la anexión de Crimea.

El presidente de INAC agregó que "no estamos esperando que haya una reacción del mercado en Rusia, aunque ya se está anunciando que retomará la senda del crecimiento económico luego de dos años de recesión".

La Federación Rusa fue el principal destino de la carne vacuna uruguaya al cierre de 2012, luego fue decreciendo, en 2015 apenas adquirió 2% del total y en la actualidad casi no aparece en las estadísticas.

Stanham dijo que con la presencia en la ProdExpo, que abrió ayer y se prolongará hasta el viernes próximo, tiene por objetivo "mostrarle a los clientes y al gobierno de Rusia que valoramos mucho este mercado" y que se espera crecer en colocaciones de carne vacuna.

Rusia es el principal mercado de la manteca uruguaya y además compra, en este orden: quesos, carne bovina congelada, leche en polvo y despojos comestibles, además de carne caballar, pescado congelado, carne bovina refrigerada, grasa y tripas de animales. En 2016, por todos esos productos ingresaron al país divisas por US\$ 81,87 millones, según datos del Ministerio de Ganadería, Agricultura y Pesca (MGAP). En 2014, cuando ya comenzaba la crisis económica y financiera en Rusia, la facturación por esos productos fue de US\$ 259,7 millones.

Pese al descenso del intercambio comercial, Rusia aprobó en noviembre de 2015 un protocolo por el cual concedió a Uruguay un nuevo cupo de carne bovina.

En ese nuevo cupo, que es sin límite, Uruguay puede colocar cortes de alta calidad de animales producidos a pasto o terminados a grano, con un arancel de 15%. La cuota fue negociada luego que en 2012 Uruguay apoyó el ingreso de la Federación Rusa a la Organización Mundial de Comercio (OMC).

Para reforzar la presencia uruguaya en la ProdExpo, donde participan una decena de empresas que representan 60% del volumen de exportaciones globales de carne vacuna, el titular del MGAP, Tabaré Aguerre, fue elegido para hablar en la apertura por los organizadores de la feria.

Degustación de productos

En el segundo día de la ProdExpo, en Moscú, el titular del MGAP, Tabaré Aguerre, disertará ante autoridades locales y de países de la Unión Euro Asiática acerca de Uruguay como país productor de alimentos de calidad, con inocuidad y certificación. Luego en el stand de INAC se servirá un almuerzo que será un stroganoff con carne, crema y arroz, y habrá una degustación de quesos, vinos y aceite de oliva, todos productos uruguayos. "Rusia es un mercado muy importante para Uruguay", remarcó Aguerre.



“No hay indicios de una mayor demanda rusa por carne vacuna uruguaya”

06/02/2017 - En el futuro cercano se espera “otra devaluación del 10% de la moneda rusa”, comentó Guillermo Pigurina, gerente general de JBS en Uruguay.

“Siendo claro y sincero me parece que no hay muchos indicios de una mayor demanda rusa por carne vacuna”, comentó Guillermo Pigurina durante el primer día de actividad de la feria ProdExpo Moscú. El gerente general de JBS en Uruguay dijo, en Valor Agregado en Carve, que “no se ve una reactivación del mercado que nos posiciona en una situación más favorable a corto plazo”.

Pigurina, que viajó con la delegación del Instituto Nacional de Carnes en representación de las industrias frigoríficas, afirmó que hay “muchas interrogantes por delante”, entre ellas, “se habla de una posible devaluación del 10% para el rublo ruso”. Sin embargo, destacó que se observa “un mayor movimiento en todas las esferas comerciales en base a una mejor posición del petróleo”.

Más allá de la estabilidad del crudo, el gerente de JBS dijo que para la carne vacuna no se avizora nada transformador que permita cambios radicales. Agregó que “va a seguir siendo un buen mercado para el hígado, corazón y riñón, donde se registraron buenas ventas con precios firmes a principios de año”.

Además, ante la suspensión rusa a las importaciones de carne vacuna de Nueva Zelanda, que se destaca por los envíos de menudencias, Pigurina indicó que esa coyuntura dejaría “cancha abierta para trabajar más cómodos”. Mientras que para los otros productos es importante analizar qué hacen los competidores más fuertes y cercanos como Paraguay y Brasil.

Competidores. “Curiosamente Paraguay no está presente con stand”, señaló Guillermo Pigurina, quien agregó que “es poco explicable porque va a participar en Dubai y no está acá”.

Señaló que Paraguay “está bien posicionado en Rusia y todos están buscando esa carne porque ingresan con mejores precios”.

Mientras que Brasil con interesante participación “no se sabe si van a mantener con estos precios porque necesita más altos para vender a ese mercado y los rusos no ven que se eleven al corto plazo”.

Rusia seguirá siendo una alternativa válida para la carne vacuna uruguaya

07/02/2017 Suspensión a Nueva Zelanda no tendrá un impacto importante para Uruguay. Rusia está más activo, hay otro ánimo”, comentó Diego Crosta durante el segundo día de la feria ProdExpo Moscú. El broker de carnes dijo que la estabilidad del Rublo y las buenas expectativas para la economía “van a marcar un cambio positivo” para las exportaciones uruguayas, aunque no es esperable alcanzar los niveles de los años 2011 y 2012.

El broker comentó en Valor Agregado en Carve que Rusia seguirá siendo una alternativa válida para la colocación de carne vacuna uruguaya. Actualmente los negocios que se están realizando son por menudencias, hígados y corazones; sin embargo, en los otros cortes “todavía no se está pudiendo competir con Brasil y Paraguay por volumen y competitividad, ofrecen mercadería más barata”.

En la misma línea, remarcó que hay un mercado interesante para la carne enfriada, que supo ser muy bueno hasta la devaluación del Rublo, pero nuevamente se están realizando embarques. Agregó que a medida que la economía muestre buenas señales de recuperación los negocios van a ser más fluidos.

Nueva Zelanda. Rusia suspendió la importación de carne vacuna del país oceánico, y esta noticia, según Crosta, “nos tomó por sorpresa”. El broker dijo que la caída de las exportaciones de ese destino a Rusia, principalmente de menudencias, “no va a cambiar mucho la oferta, demanda y precios”, por tanto, el impacto para Uruguay no será tan relevante.

ProdExpo Moscú. La feria que comenzó el lunes y va hasta el próximo viernes muestra un mejor ánimo en los importadores rusos con mejoras en los valores y una demanda en ascenso. Diego Crosta dijo que sorprendió la no presencia de Paraguay, principal proveedor de carne vacuna a Rusia, y destacó la participación de Uruguay con un pabellón de Inac “muy bueno que permite mantener una pata en el mercado y seguir trabajando la imagen de los productos”.

Esperan aumento en la demanda de carne vacuna por parte de Rusia en el segundo semestre

08 de febrero de 2017 Esperan aumento en la demanda de carne vacuna por parte de Rusia en el segundo semestre

Rusia podría aumentar la demanda de carne uruguaya en el segundo semestre del año, señaló a Tiempo de Cambio de radio Rural Juan Galimberti, director del departamento de Proteínas de la empresa Food Forward.

El ejecutivo uruguayo, que estuvo radicado por varios años en Rusia y sigue trabajando estrechamente en ese mercado, sostuvo que ese mercado “de a poco se está acomodando y puede ser atractivo”, principalmente para los cortes de menor calidad.



En noviembre de 2015 Rusia aprobó un protocolo a través del que Uruguay un puede colocar cortes de carne vacuna de alta calidad de animales producidos a pasto o terminados a grano, con un arancel de 15%.

El mercado ruso, sin embargo, prefiere consumir los cortes de alta calidad locales y no los cortes importados, explicó. "Hay que concentrarse lo máximo en congelado (cortes para industria) y que Rusia sea una variante a China como segundo escalón para ayudar a Uruguay a competir", consideró. Galimberti informó que llevar cortes caros puede exponer a los exportadores ya que hay fuertes proveedores locales y es intensa la competencia de los productos importados.

Rusia llegó a ser uno de los principales compradores de la carne uruguaya entre el 2004 y 2011, empujado por la economía interna de ese país. A partir de ese año China comenzó a aparecer cada vez con mayor fuerza como comprador y abarcó el mercado latinoamericano. Rusia entonces se quedó con una "cola de mercado" en Paraguay y Brasil. El poder de compra de los rusos se deterioró con la baja de precios del petróleo y la devaluación del rublo, pero la moneda rusa viene en recuperación.

"En una pena que Uruguay no pueda aprovechar la falta de competencia de los grandes jugadores mundiales del mercado cárnico, como Canadá, Australia, EEUU", sostuvo Galimberti, al tiempo que destacó como positiva la participación de Uruguay en la feria de alimentos Prodexpo Moscú, finalizada este martes.

"Creo que Rusia es un elemento para no depender de China, tenerlo como segundo mercado alternativo", subrayó.

En 2016 Uruguay exportó 9.169 toneladas (peso canal) de carne vacuna a Rusia por US\$ 15,59 millones. Mejora en la demanda de lácteos. "Se ha notado una gran mejora de los lácteos. Nosotros vemos que en este comienzo de año un entone de los precios y vemos el 2017 un año para que los commodities recuperen valor", señaló Galimberti.

En enero Rusia figuró como el segundo principal destino de los lácteos uruguayos con envíos totales por US\$ 5 millones, lo que representa una mejora interanual de 27%. El principal producto exportado por Uruguay a ese destino es manteca.

Visita Alemania e Presidente Vázquez: positiva recepción de importadores de carne

"Nos ha dado tanta confianza Vázquez que seguiremos comprando carne en los próximos 30 años en Uruguay"

Febrero 10, 2017 08:17

El presidente Tabaré Vázquez continúa su gira por Europa y esta mañana disertó ante la Cámara de Comercio de Hamburgo.

Durante su exposición, el mandatario volvió a reiterar el mensaje transmitido ayer durante una conferencia en la Cámara de Comercio e Industria Alemana, sobre los motivos por los que vale la pena invertir en Uruguay.

Vázquez destacó que Uruguay es un país pequeño que "trabaja fuertemente por salir adelante", que "apuesta al libre comercio" y en el que es "muy buen país para invertir". Asimismo, en parámetros económicos, sostuvo que Uruguay es el país latinoamericano que tiene el ingreso per cápita más alto y que mejor distribuye la riqueza.

Lea también El mensaje de Vázquez en Alemania: "Necesitamos recibir inversión extranjera"

Luego de su exposición y la de los ministros de Economía, Danilo Astori, y de Transporte y Obras Públicas, Víctor Rossi, empresarios alemanes tomaron la palabra y adhirieron a los dichos de Vázquez, destacando su intención de continuar vínculos comerciales con el país.

"Nos ha dado tanta confianza Vázquez que seguiremos comprando carne en los próximos 30 años en Uruguay", destacó un representante de la empresa BlockGruppe.

Del mismo modo, un representante de la industria Sowitec -que tiene un parque eólico en Uruguay y otro en construcción-, ponderó el estado de situación de la energías renovables en el país y sorprendió al auditorio.

El empresario alemán consideró a Uruguay como su segunda patria y sostuvo que al haber tan poco riesgo país siempre es posible conseguir financiación.

PARAGUAY

Novillo cotiza US\$ 3,20 y "se dificulta conseguir oferta"

09/02/2017 Estiman que los mercados internacionales no van a mantener esos valores.

El ganado en Paraguay está sobrevaluado y no se debe a un mejor trabajo o mejores mercados, sino a una falta de oferta", comentó Korní Pauls. El presidente de la Cámara Paraguaya de la Carne dijo, en Valor Agregado en Carve, que hoy en día "el novillo está a US\$ 3,20 y se hace difícil conseguir oferta en el mercado".



Pauls, también director de Frigochaco, señaló que en los últimos diez años Paraguay ha tenido una suba del hato ganadero promedio de 4,5% a 5% anual. Debido a esto, la industria paraguaya comenzó hacer muchas inversiones y en el 2015/2016 el hato paró y retrocedió en un millón de cabezas, “todavía discutimos los motivos”, expresó.

“Hoy la industria frigorífica tiene una capacidad instalada que es ociosa y hace que el precio esté inflado”, indicó Korní Pauls. El industrial señaló que para marzo esperan que el valor del novillo afloje, entre varios motivos, porque el mercado internacional “no va a permitir que se puedan pagar los valores que hoy la industria paga”. Además, dijo que es posible un aumento de la oferta a causa de los buenos verdes que hay en los campos.

¿Por qué Paraguay no asistió a ProdExpo Moscú?

En los últimos cinco años la Cámara Paraguaya de la Carne fue participe de la feria, sin embargo este año fue la excepción. Pauls aseguró que Paraguay “siempre estuvo presente cuando cerca del ochenta por ciento de las exportaciones paraguayas iban a ese mercado”, pero en 2016 “el volumen enviado cayó un veintitrés por ciento”.

Desde el pasado lunes 6 hasta el próximo viernes 10 de febrero se está realizando en Rusia una nueva edición de ProdExpo Moscú, donde varios uruguayos destacaron, a modo de sorpresa, a ausencia de Paraguay en la actividad.

El presidente de la Cámara Paraguaya de la Carne aseguró que “no participar fue una decisión estratégica de la Cámara”. Asimismo, dijo que este año Paraguay se prepara para la feria Gulfood en Dubai, porque el Medio Oriente cada día tiene más importancia.

Contó que en 2016 se abrió el mercado de Irak, Emiratos Árabes, Qatar y Kuwait. “Es una decisión netamente comercial y estratégica de a qué mercados apuntar”, señaló Korní Pauls.

ESTADOS UNIDOS

USMEF: Exportaciones con resultados satisfactorios en 2016

10 February 2017 US - US pork and beef exports wrapped up an excellent 2016 performance with very strong December results, according to statistics released by USDA and compiled by USMEF.

Beef exports increased 11 per cent in volume (1.19 million mt) and 1 per cent in value (\$6.34 billion) from 2015. December exports totaled 116,847 mt, up 24 per cent year-over-year. This was the largest monthly volume since July 2013 and the largest ever for December. Export value was \$619.1 million in December, up 22 per cent.

Exports accounted for 13.7 per cent of total beef production in 2016 and 10.5 per cent for muscle cuts – up from 13.1 per cent and 10 per cent, respectively, in 2015. December exports accounted for 15.6 per cent of total December beef production and 12.1 per cent for muscle cuts only – each up more than 2 percentage points from a year ago and the highest since 2011. Export value per head of fed slaughter averaged \$262.17, down 6 per cent from 2015, but the December average was \$301.97 – up 14 per cent and the highest in nearly two years.

Asian markets drive strong beef export growth

Driven by strong demand for higher-value chilled cuts, beef exports achieved new value records in South Korea and Taiwan in 2016, and rebounded strongly in Japan.

In Korea, December beef exports soared by 81 per cent in volume (20,333 mt) and 88 per cent in value (\$130 million) from a year ago, capping a remarkable year in which exports totaled 179,280 mt (up 42 per cent) valued at \$1.06 billion – up 31 per cent from a year ago and breaking the previous value record by more than 20 per cent. Korea's per capita beef consumption set a new record in 2016 of 34 pounds (carcass weight) – so the US not only gained market share, but also capitalized on the market's overall growth.

Beef exports to Taiwan were also strong in December, with export value (\$43.3 million) hitting its highest level ever. Full-year exports to Taiwan were up 25 per cent in volume to 44,053 mt and 14 per cent in value to \$362.8 million.

2016 exports to Japan were the largest of the post-BSE era at 258,653 mt, up 26 per cent year-over-year. Export value totaled \$1.51 billion, up 18 per cent. Chilled beef exports to Japan totaled 112,334 mt, up 44 per cent from 2015.

“In addition to the strength of the US dollar, US beef overcame other severe challenges in these north Asian markets and achieved remarkable results,” said Philip Seng, USMEF President and CEO.

“Despite facing higher tariff rates in Japan compared to Australian beef, US beef displaced its competition and won't back significant market share. And the investment the US industry made to rebuild consumer confidence in Korea is paying tremendous dividends, especially in the retail sector. We're seeing US beef featured regularly by retailers who were once reluctant to carry the product.”



Other 2016 highlights for US beef included:

Beef exports to Mexico increased 7 per cent year-over-year in volume to 242,373 mt, though value fell 11 per cent to \$974.9 million. While challenged by a weak peso, Mexico remains a key destination for muscle cuts such as shoulder clods and rounds, as well as for beef variety meat.

Led by strong growth in Chile and a doubling of exports to Colombia, beef exports to South America increased 6 per cent in volume to 22,810 mt, valued at \$92.7 million (down 2 per cent). The region should see further growth in 2017 with the reopening of Brazil.

Exports to Central America were up 7 per cent in volume (12,745 mt) with top market Guatemala up 1 per cent and exports to Honduras nearly doubling. Export value was \$71.8 million, up 1 per cent.

Fueled by a resurgence in Indonesia and solid growth in Vietnam, beef exports to the ASEAN region were up 41 per cent in volume (29,920 mt) and 15 per cent in value (\$156.9 million). Indonesia expanded access for US beef in early August. Despite being closed to many products through the first seven months of the year, US exports to Indonesia set a new value record of \$39.4 million.

Beef variety meat exports increased 10 per cent in volume (341,433 mt) and 4 per cent in value (\$902.2 million) in 2016. Liver exports increased 12 per cent to 81,727 and reached a broader range of markets. While liver exports to Egypt – the largest destination for US livers – increased 4 per cent, further growth was achieved in Central and South America and with the reopening of South Africa to US beef.

El stock de ganado vacuno en EE.UU. creció un 2% durante 2016

02/02/2017 A fecha del 1 de enero de 2017 Estados Unidos contaba con 93,6 millones de cabezas de ganado vacuno, según los datos del USDA, lo que supone un 2% más que en enero de 2016.

El número de vacas y novillas supera en un 3% a las de 2016 y se cifra en 40,6 millones mientras que el ganado destinado a la producción de carne alcanza los 31,2 millones, un 3% más.

En cuanto al peso de los animales, las vacas de más de 500 libras (226 kg) fueron un 1% más y los terneros de menos de ese peso eran un 2% superiores en número.

En cuanto al número de terneros nacidos en 2016, la cifra se estima en 35,1 millones de animales, un 3% más.

By Greg Henderson February 09, 2017 | 8:04 am EST

USDA's annual Cattle Inventory Report confirmed expansion continues throughout cow country. The total herd inventory increased 1.8% to 93.6 million head on Jan. 1, 2017. Total beef cow numbers increased 3.4% to 31.2 million head, 2.1 million larger than the 2014 lows, yet 1.5 million shy of the previous high in 2006.

Eight states counted more than one million cows on Jan. 1, with Texas leading the way at 4.46 million head. The Lone Star state saw an increase of 170,000 beef cows. With 2.095 million cows, Oklahoma ranks second in total numbers, but the state's increase of 172,000 head was the most of any state.

Rounding out the top eight: Missouri, 2.052 million cows, up 150,000; Nebraska, 1.920 million cows, up 68,000; South Dakota, 1.664 million cows, down 6,000; Montana, 1.486 million cows, unchanged; Kansas, 1.570 million cows, up 82,000; Kentucky, 1.023 million cows, unchanged.

Proyección para 2017: más cantidad de carne bovina y reducción de la oferta de carne porcina y aviar

By United States Department of Agriculture February 09, 2017 | Estimated red meat and poultry production for 2016 was adjusted to reflect December slaughter data. Total red meat and poultry production for 2017 is lowered, largely reflecting decreased pork and poultry forecasts. Beef production is raised. Placements and marketings for the year are raised, resulting in higher cattle slaughter.

The January Cattle inventory report estimated that total cattle and calf numbers on January 1, 2017 increased for the third consecutive year. Beef cow numbers were above 2016, and producers indicated they were holding more heifers for addition to the breeding herd. The report also indicated a year-over-year increase in the number of cattle outside feedlots.

The January Cattle on Feed report showed higher than expected placement numbers in December, implying that larger numbers of fed cattle will be marketed during the spring quarter. Cattle weights are reduced for 2017 as producers are expected to remain current in feedlot marketings.

Pork production in the first quarter is reduced on the current pace of slaughter and slightly lighter carcass weights.

Broiler production is lowered as increases in production in the first quarter are more than offset by reductions in the second half of the year. Table egg production is increased on hatchery data and expectations of relatively favorable returns, but this is more than offset by a lowered hatching egg production forecast. No changes were made to turkey production.

Livestock trade estimates for 2016 are adjusted to reflect December data. For 2017, forecast beef imports are raised on expectations of higher shipments of processing beef from Oceania. Robust demand for U.S.



beef supports higher forecast beef exports for the year. No changes are made to pork, poultry and egg trade forecasts.

Cattle, hog, and broiler price forecasts are raised to reflect demand strength. Turkey prices are forecast lower on current prices. Egg prices are increased on current price strength.

Industria ganadera de EEUU preocupada por el enfrenamiento de Trump con China y México

08 de febrero de 2017 La mayor asociación de productores de ganado estadounidense la National Cattle and Beef Association, dijo el viernes que está "muy preocupada" por la promesa del presidente Donald Trump de renegociar el Tratado de Libre Comercio de América del Norte (NAFTA), lo que pone en duda si la industria seguirá disfrutando de su actual nivel de acceso a mercados en México y Canadá, de acuerdo a la agencia Bloomberg. "El pacto ha sido muy lucrativo para ganaderos, dijo el grupo Asociación Nacional de Criadores de Ganado Bovino.

"Los estadounidenses no van a comer más carne al mismo precio", dijo Kent Bacus, director de comercio internacional y acceso al mercado en la Asociación Nacional de Criadores de Ganado Bovino (NCBA, por sus siglas en inglés). "Si hay un superávit, tenemos que trasladar ese producto a otros países, y para sostener la expansión, necesitamos dirigirnos a los mercados de exportación".

Las exportaciones de carne de Estados Unidos aumentaron 78% en volumen desde 1993, el año anterior a la promulgación del Nafta, según datos del Departamento de Agricultura de los Estados Unidos. A partir de 2015, México fue el mayor comprador extranjero de carne bovina estadounidense y Canadá fue el número 4, según cifras de la Federación de Exportación de Carne de los Estados Unidos (USMEF).

Esos tipos de mercados de exportación con hambre son muy necesarios. El stock de ganado de los Estados Unidos se expandió en 2016 por tercer año consecutivo, el tramo más largo en una década. Las existencias de carne congelada alcanzaron un récord a finales del año pasado.

Para el 2017, el USDA prevé que la producción doméstica aumentará a 11,808 millones de toneladas y las exportaciones a 1,19 millones de toneladas, los niveles más altos desde 2011.

La NCBA, que representa a más de 175.000 productores de ganado, también lamentó la retirada de EEUU del Acuerdo Transpacífico de Cooperación Económica (TPP), el pacto comercial propuesto de 12 naciones que incluye a Japón, Singapur, Australia, Canadá y Chile. La industria de carne de EEUU está perdiendo US\$ 400,000 al día debido a los aranceles más bajos para la carne australiana con destino a Japón, según Colin Woodall, vicepresidente de asuntos gubernamentales de NCBA.

BY VICKI NEEDHAM - 02/07/17 03:37 PM EST 16

Business groups representing the beef and pork industries on Tuesday urged the Trump administration to start trade negotiations with Japan.

The National Cattlemen's Beef Association and the National Pork Producers Council sent a letter to President Trump ahead of his Friday meeting with Japanese Prime Minister Shinzo Abe calling for a bilateral deal that would lower tariffs and reduce barriers for their products.

Japan is the biggest market for U.S. beef and pork exports.

"There is strong demand for U.S. beef and pork in Japan, and our presence in Japan's market could be much larger with the reduction or elimination of tariffs and other import measures," the letter says.

In 2016, Japanese consumers purchased \$1.4 billion of beef products and \$1.5 billion of pork products.

"Securing strong market access to Japan and other Asian markets is a priority for the U.S. beef and pork industries, and we appreciate the president's leadership and dedication to making our products the most competitive around the world," said NPPC President John Weber, a pork producer from Dysart, Iowa.

The groups had backed the Trans-Pacific Partnership (TPP) trade agreement, which would have cut Japan's 38.5 percent tariff on fresh and frozen beef to 9 percent over the phase-in period and would have provided parity with Australia in the Japanese market.

Japan's tariffs on pork, which are determined through a so-called gate price system, would have been substantially reduced as part of the TPP deal, the letter said.

"While we may not agree with the decision to withdraw from the TPP, we respect that this is the position of the U.S. government, and we request that you prioritize securing strong market access to Asia-Pacific markets for U.S. beef and pork exports," the letter says.

An analysis by the U.S. International Trade Commission found that beef exports to TPP countries would grow by \$876 million a year by the end of the phase-in period and that most of that growth would be in trade to Japan.

The ITC found that pork exports to TPP countries would grow by \$387 million, with the most being to Japan.

Nearly 9,000 U.S. jobs would be generated by the increase in exports of livestock products, according to the Department of Agriculture's export multiplier.



The groups argue that moving forward on a trade deal with Japan would "help stimulate interest among other former TPP members and Asia-Pacific nations in their own bilateral agreements with the United States."

"We realize that our competitors are doing their best to secure preferential trade agreements in many of these markets, and we are concerned that if we do not act soon, we will fall further behind our competitors in these important market," the letter says.

"It is out of this sense of urgency that we respectfully request a meeting with you to discuss our trade priorities and provide you with our recommendations."

Representantes de la producción cárnica piden a Trump negociar acuerdo de libre comercio con JAPON

09 February 2017 US - Ahead of Japanese Prime Minister Shinzo Abe's state visit to the US, the National Cattlemen's Beef Association and the National Pork Producers Council urged President Trump to begin negotiations on a free and fair trade agreement with Japan.

In a joint letter transmitted to the White House, NCBA and NPPC asked the president "to initiate free trade agreement negotiations with nations in the Asia-Pacific region beginning with Japan. ... As you continue to lead America forward, we want to be a resource for your administration for possible strategies in improving existing and future trade agreements for the benefit of our producers."

Prime Minister Abe will be in Washington Friday (10 February) to meet with President Trump on a number of matters, including security challenges and bilateral trade.

"A successful, comprehensive agreement with Japan would result in one of the greatest trade agreements for the US pork and beef industries and for many other sectors," said NCBA President Craig Uden, a cattle rancher from Elwood, Nebraska.

Said NPPC President John Weber, a pork producer from Dysart, Iowa, "Securing strong market access to Japan and other Asian markets is a priority for the US beef and pork industries, and we appreciate the president's leadership and dedication to making our products the most competitive around the world."

For US beef and pork exports, Japan is the highest value international market. In fiscal 2016, Japanese consumers purchased \$1.4 billion of US beef products and \$1.5 billion of US pork products. Demand in the Asian nation for US beef and pork is very strong despite Japanese tariffs and other import measures that limit market access for both products.

Under terms of the Trans-Pacific Partnership (TPP) agreement, Japan's 38.5 per cent tariff on fresh and frozen beef would have been cut to 9 per cent over the agreement's phase-in period and would have given the US beef industry parity with Australia in the Japanese market. Japan's tariffs on pork, which are determined through a so-called gate price system, would have been substantially reduced as part of the TPP agreement.

An analysis by the U International Trade Commission found that beef exports to TPP countries, which included the United States, Japan and 10 other Asia-Pacific nations, would grow by \$876 million a year by the end of the phase-in period and that most of the growth would be in trade to Japan.

Likewise, it found that pork exports to TPP countries would grow by \$387 million, with most of the exports going to Japan. Nearly 9,000 US jobs would be generated by increased exports of livestock products, according to the US Department of Agriculture's export multiplier.

VARIOS

RUSIA suspendió la importación de carne vacuna de NUEVA ZELANDA

06/02/2017 - Durante el ejercicio 2015/16 exportó 6.600 toneladas de menudencias.

El Organismo Sanitario de Rusia anunció que a partir del día de hoy "suspende temporalmente la importación de carne vacuna procedente de Nueva Zelanda debido a la presencia del promotor del crecimiento ractopamina", expresó Rafael Tardáguila, en Valor Agregado en Carve.

El director de Faxcarne destacó que Nueva Zelanda no formaba parte de los países del Occidente que fueron sancionados por Rusia por el tema de Ucrania en el 2014. Según el analista "este tipo de medidas rusas suelen ser bastante discrecionales, hay que ver cuánto puede llegar a durar".

En el ejercicio 2015/16 las exportaciones fundamentales neozelandesas a Rusia fueron las menudencias, "unas 6.600 toneladas le colocó Nueva Zelanda. Algo relativamente fluido", expresó Tardáguila. Agregó que en el caso de la carne vacuna fueron un poco más de 300 toneladas.

A criterio del director de la consultora Tardáguila Agromercados, hay que tener en cuenta que en esos meses (octubre 2015 – setiembre 2016) "Rusia era prácticamente nula también para Uruguay", señaló. Según él no es difícil suponer que "está encontrando mejores posibilidades de colocación en este trascendente mercado de importación".



Rusia está volviendo a ser un mercado relativamente significativo para algunos productos. Las exportaciones de enero indican que Uruguay le exportó más de 800 toneladas de carne vacuna, “es una correntada que el año pasado prácticamente brillaba por su ausencia”, dijo.

De alguna manera la valorización del Rublo y la mejora de la economía rusa por la subida del petróleo “está siendo de forma incipiente significativa para Uruguay”, afirmó el analista.

Source: The Moscow Times 07 February 2017 - Russia has banned the import of beef and beef byproducts originating in New Zealand, Russia's Interfax news agency has reported.

Russia's state agriculture agency Rosselkhoznadzor claimed that traces of ractopamine had been found in samples of beef on three separate occasions.

The drug, which is used to build muscle mass in cattle, is banned within Russia.

The ban could also be extended to cover fish and butter from New Zealand after samples were found to have high levels of bacteria, Rosselkhoznadzor chief Sergei Dankvert told Interfax.

A spokesperson for New Zealand's Ministry for Primary Industries (MPI) told the NZ Farmer news outlet that officials had not received prior notification about the ban.

He also stressed that ractopamine was not licensed for use in New Zealand cattle.

TheCattleSite News Desk 06 February 2017 “Outside of the cocktail circuit, the Trump administration is unlikely to warm to obsequious individuals who describe opponents of the TPP as breathless children. New Zealand First believes we can do a real trade deal with the United States that respects our interests and theirs.

“It is how British Foreign Secretary Boris Johnson quickly confirmed that British dual nationals weren't affected by the temporarily entry ban. Here, Mr McCully blamed Ministry of Foreign Affairs staff for his own inaction.

“National needs to look in the mirror and not act like bulls in the diplomatic China shop as our exporters and citizens are suffering,” Mr Peters said.

- Within one week, the government has been caught short by Russia moving to ban New Zealand beef and a slow response to some Kiwi dual-citizens entering the United States.

“Nathan Guy, the Minister for Primary Industries, has seriously dropped the ball on Russian beef exports just as he has with dairy,” says the Rt Hon Winston Peters, Leader of New Zealand First, Member of Parliament for Northland.

“Mr Guy is in no position to play diplomat having said in Parliament that it ‘does not make sense’ to negotiate a free-trade agreement with Russia. What precipitative nonsense.

“National has deliberately alienated Russia to earn brownie points with a diplomatic world that no longer exists. This is despite Russia being the world's number two dairy importer and in 2017, is set to become the world's number two beef importer.

“The Russians have noted National's recent record and this is why we have the barest sliver of the Russian market, which is forecast to import 1,398,000 metric tons of beef this year.

“Our \$11m, mostly beef offal exports, is a damning indictment on the incompetence of Messrs Key, McCully, Guy and Groser. In fact, what on earth is Tim Groser, our supposed ‘man in Washington,’ now doing to justify his politically appointed salary?”

AUSTRALIA

Evalúan volver a aprobar las importaciones de carnes bovinas de EE.UU. que estaban prohibidas desde 2001

Source: ABC 07 February 2017 - A Queensland meat processor predicts the price of beef could fall by as much as 30 per cent if the US starts exporting beef to Australia again.

"US beef is traditionally more expensive than local meat, and therefore American exporters don't think it is worth selling in Australia."

Australia has not accepted imports of beef products from the US since 2001, following outbreaks of mad cow disease around the world.

However, the Federal Government is currently assessing the biosecurity risk of uncooked beef imports, and trade could resume by as early as July if it is deemed to be safe.

Food Standards Australia New Zealand recently assessed the mad cow risk of US beef was very low.

"It is not assured US beef will come to Australia but it is highly likely in the back half of the year," said Terry Nolan from Nolan Meats at Gympie near the Sunshine Coast.

US beef is traditionally more expensive than local meat, and therefore American exporters don't think it is worth selling in Australia.



However, a shortage of cattle in Australia means local prices are higher than usual, providing an incentive for US exporters.

Mr Nolan said if beef imports from the US resume, beef prices in Australia would fall.

"Australia has a depleted herd and we're seeing record cattle prices, whereas the US has large inventories of cold stored beef," he said.

"They have an increasing herd and a decreasing price of their live cattle, so I think it is almost inevitable we will see US beef come to Australia.

Exportaciones se mantuvieron bajas en enero

07 February 2017 Australian beef exports for the month of January totalled 50,811 tonnes shipped weight (swt) – down 13% year-on-year, as ongoing supply constraints continue to limit beef available for exports (Department of Agriculture and Water Resources). Chilled beef exports declined 11% year-on-year, to 14,609 swt, while frozen exports fell 14%, to 36,202 swt. Grainfed beef exports totalled 14,737 tonnes swt, which represents a 3% year-on-year increase. Grassfed beef exports dropped 18% compared to the same period last year, to 36,074 tonnes swt.

Lamb exports increased 16% year-on-year for the first month of the year, to 20,359 tonnes swt, in line with the seasonal increase in supplies.

Beef volumes to the US declined 31% year-on-year, to 11,614 tonnes swt, as US domestic production continues to ramp up. Furthermore, the strong start to the year for the Australian dollar has made the US a less attractive market. Lamb and goat exports to the US increased 14% and 40% respectively – albeit off a low base from the previous year. Goat exports to the US last year accounted for 66% of total goat exports and international demand for goatmeat continues to grow.

Beef exports to Japan totalled 14,317 tonnes swt, representing a 23% increase compared with the same period last year, underpinned by a rise in grainfed beef volumes, increasing 20% year-on-year.

To Korea, Australian beef shipments declined 3% year-on-year, to 9,232 tonnes swt. Lamb exports to Korea lifted 32%, to 1,118 tonnes swt, as the seasonal increase in lamb availability boosted export volumes.

Beef exports to China in January were relatively unchanged year-on-year, at 6,900 tonnes swt. Lamb shipments jumped 54% year-on-year, to 4,698 tonnes swt, stimulated by Chinese New Year which fell earlier than usual this year.

Elsewhere, beef exports to the EU in January declined 33% year-on-year, to 886 tonnes swt. Beef exports to Saudi Arabia dropped 65% comparable to the same period last year, to 552 tonnes swt, as the presence of Brazilian beef continue to grow in the Middle East. Indonesia beef exports were down 39% comparable with the same period last year, to 2,434 tonnes swt.

Se realizó el primer embarque de Ganado vivo hacia CHINA

TheCattleSite News Desk 06 February 2017 - The first shipment of live Australian beef cattle to China has left Australian shores after nearly ten years in the making.

A shipment of 1,200, mainly Angus cattle, left Portland in Victoria's far west bound for Shandong Province in eastern China.

The cattle were shipped by real estate developer-turned agricultural investor Shanghai CRED which teamed up with Gina Rinehart, Australia's richest woman, in 2016 to buy the Kidman cattle empire.

The shipment suggests that live cattle exports to China will be a major focus of Kidman under its new owners.

Mark Allison, CEO of rural conglomerate Elders which Shanghai CRED has invested in heavily, said the live exports to China would be great for the industry in Australia.

"The opening of feeder and slaughter markets will drive competition and demand for Australian cattle, creating new opportunities for exporters and producers alike," Mr Allison told News Limited on Monday.

Mark Bennett, head of agribusiness for the Australia New Zealand (ANZ) bank, said that during a visit to China late in 2016 he saw the demand for Australian beef was continuing to build.

Bennett said the live exports could see the Australian beef industry grow from a \$7billion business annually to a \$12billion industry.

He said that the inland city of Chongqing alone was seeking up to 500,000 heads of cattle a year.

Shanghai CRED will reportedly lose money on the first shipment but the company was willing to take the loss in order to kick-start the trade as beef prices in Australia are forecast to fall over the coming months.

Exportaciones de carnes grainfed cerca del record de 2015: 260 mil toneladas

09 February 2017 - Australian grainfed beef exports for the December quarter of 2016 eased 7% from year-ago levels, totalling 64,290 tonnes swt (Department of Agriculture and Water Resources). This took



total grainfed exports for 2016 to 260,386 tonnes swt, just 1% short of the record high volume in 2015 which stemmed from the high numbers on feed during that period.

2016 December quarter grainfed beef shipments to Japan declined 10% year-on-year, to 32,522 tonnes swt. Constrained by tighter Australian cattle supplies, coupled with greater competition from increasing US beef production, grainfed exports to Japan for 2016 reached 129,005 tonnes swt, back 8% year-on-year.

High Hanwoo beef prices in Korea and tight supplies of Australian grassfed beef have seen Australian grainfed exports to Korea continue to increase. Shipments for the 2016 December quarter lifted 26% to 16,238 tonnes swt, despite incurring 'above safe guard' tariffs of 40%. This pushed the 2016 total volume of grainfed beef exports to Korea to record levels, to 55,756 tonnes swt (up 26% year-on-year).

Despite grainfed exports to China easing 18% year-on-year for the October to December period (5,656 tonnes swt), total volume for 2016 lifted 9%, with 23,557 tonnes swt exported.

Volumes to the EU declined 25% for the December quarter, however total volumes for the year declined only marginally year-on-year (back 1%) to 15,980 tonnes swt.

In the US, increasing domestic production has weakened demand for Australian imported product, which contributed to exports halving year-on-year in the final quarter of 2016, while total volumes for the year slipped 36% from 2015, to 9,770 tonnes swt.

Shipments to the Middle East for the quarter were down 43% (to 1,332 tonnes swt), while the total for the year eased 34% to 6,434 tonnes swt, as subdued oil prices, increased competition from Brazil and reduced tourism impacted demand.

Firm economic growth, strong demand and a shortage of Australian grassfed product saw grainfed exports of predominantly manufacturing beef to the Philippines lift 11% for the quarter to 1,957 tonnes swt, taking the 2016 total to 8,377 tonnes swt, up 67% year-on-year.

Going forward, numbers on feed are expected to continue to decline from the high base of 2015, on the back of tighter supplies and fierce competition from restockers, putting further upward pressure on the the young cattle market. As a result, expectations are for cattle to stay on feed for 10-20 days longer, due to the low feed grain prices, which should raise weights and mitigate the fall in grainfed beef production to some extent. Although the shortage of grassfed supplies has seen traders pushing into grainfed product to secure volume, export volumes of grainfed beef are likely to decline predominantly as a result of the fewer numbers on feed.

RUSIA prohíbe el ingreso de carnes y subproductos de BIELORUSIA

06 February 2017 - Russia banned import of beef and byproducts from Minsk oblast of Belarus starting from today, 6 February, after the renewed tension between two countries. This was reported by TASS.

The ban was implemented in connection with the allegation that the meat processed as originated from this region, was actually produced in Europe and Ukraine and then was exported to Russia disguised as Belarus product.

COREA DEL SUR confirma un caso de fiebre aftosa

Febrero 6, 2017 Afectó a casi dos centenares de vacas, que fueron sacrificadas

Las autoridades de Corea del Sur confirmaron en esta jornada un caso de fiebre aftosa en una granja del centro del país que ha afectado a casi dos centenares de vacas que han tenido que ser sacrificadas.

El Ministerio de Agricultura y Alimentación informó de que unos 195 ejemplares de una explotación lechera de Boeun, en la provincia de Chungcheon del Norte (a unos 180 kilómetros al sureste de Seúl), dieron positivo por la enfermedad.

Todas las vacas han sido sacrificadas y sus restos serán enterrados hoy mismo, al mismo tiempo que se ha limitado el movimiento de animales y personas en torno a la finca afectada, según informó el Ministerio de Agricultura en un comunicado.

Asimismo se llevará a cabo una vacunación de emergencia que afectará a unas 55.000 cabezas de ganado, principalmente porcino y bovino, en Chungcheon del Norte.

Se trata del primer caso de fiebre aftosa detectado en Corea del Sur desde que en marzo del año pasado una granja porcina de la provincia de Chungcheon del Sur diera positivo por la enfermedad.

La confirmación de este caso de fiebre aftosa, enfermedad vírica que afecta a varios tipos de ganado pero no a humanos, se produce en un momento en el que el país asiático aún encara un importante brote de gripe aviar que ha supuesto el reciente sacrificio de más de 30 millones de pollos y patos. (EFE)

INDONESIA fallo judicial restringe importaciones de la INDIA

Source: TheJakartaPost 08 February 2017 - Local breeders have welcomed the Constitutional Court's decision on cattle and meat imports, which they claim will ban buffalo meat imports from India, except in emergency situations.



Cow and Buffalo Breeders Association (PPSKI) chairman Teguh Boediyana said that meat purchased from countries prone to foot and mouth disease (FMD) could only happen during specific occurrences like natural disasters leading to beef shortages.

“The government’s reason for allowing buffalo meat imports [from India] last year wasn’t because of a natural disaster, but merely high beef prices. As it was not triggered by an urgent situation, this means there must be no more [buffalo meat] imports [from India],” he said after the reading of the court’s decision on Tuesday.

However, the Constitutional Court decided to maintain most of the provisions of a judicial review of the 2014 Animal Health and Husbandry Law.

Petitioners, namely breeders, sellers of dairy products and veterinarians, had earlier demanded the court prohibit imports of feedlot cattle and meat from countries prone to FMD.

EMPRESARIAS

Tyson Foods registró importante aumento en sus ganancias

07/02/17 - por Equipe BeefPoint A processadora de carnes norte-americana Tyson Foods reportou nesta segunda-feira, 6, lucro líquido de US\$ 593 milhões (US\$ 1,59 por ação) no primeiro trimestre do ano fiscal 2017, 28,6% a mais que os US\$ 461 milhões (US\$ 1,15 por ação) obtidos em igual momento do ciclo anterior. A receita aumentou 0,3%, para US\$ 9,18 bilhões.

Em carne bovina, a receita da Tyson Foods caiu 2,3%, para US\$ 3,52 bilhões, mas o lucro operacional disparou 321%, para US\$ 299 milhões, com volumes de venda 4,5% maiores. Para a carne suína, houve expansão de 3,2% na receita, para US\$ 1,25 bilhão, com volume de vendas 4,3% superior. Já no setor de carne de frango, a receita cresceu 2,6%, para US\$ 2,70 bilhões, com volumes vendidos 1,3% maiores.

A Tyson Foods projeta um lucro por ação de US\$ 4,90 a US\$ 5,05 no fechado do ano fiscal 2017. Se confirmado, representaria um aumento de 12% sobre o lucro por ação ajustado de 2016.

JBS cerró plantas en los estados de São Paulo y Goiás

03/02/17 - por Equipe BeefPoint Para atender a uma determinação do Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade), o JBS informou hoje o fechamento dos frigoríficos de bovinos de Santa Fé do Sul (SP) e Cachoeira Alta (GO). As plantas, que estavam arrendadas, pertencem ao Rodopa.

O encerramento das atividades dos dois frigoríficos é uma decorrência do descumprimento de um acordo firmado por JBS e Rodopa com o órgão antitruste em 2014. Em outubro do ano passado, o Cade cancelou o acordo devido ao descumprimento.

Quando autorizou o arrendamento das unidades do Rodopa, o Cade impôs restrições. Dentre elas, estava a venda da marca Tatuíbi, de propriedade do Rodopa. O órgão antitruste também havia determinado que os níveis de produtividade das três plantas arrendadas pela JBS fosse mantido.

Segundo a empresa, o volume que era produzido nas unidades de Santa Fé do Sul e Cachoeira Alta será transferido para outras unidades.

A empresa informou, ainda, que oferecerá a possibilidade de transferência para os 1 mil funcionários das duas unidades.

“A companhia oferecerá aos colaboradores a possibilidade de transferência para outras unidades. Para os que não manifestarem a opção pela transferência, a JBS promoverá o desligamento, de acordo com a legislação”.

Autoridades gestionan reapertura de frigorífico de JBS en Mato Grosso do Sul

06/02/17 - por Equipe BeefPoint O governo de Mato Grosso do Sul vai procurar a JBS para encontrar uma solução para o problema que levou a empresa a suspender as atividades na unidade de Coxim. “Caso a JBS não demonstre interesse, o governo vai procurar outro grupo para assumir a planta”, informa o governo estadual, em nota divulgada nesta sexta-feira, 3.

O prefeito de Coxim, Aluísio São José, disse que o fechamento do frigorífico é bastante negativo para a cidade, pois é a maior empresa local.

“O frigorífico vinha abatendo cerca de 400 cabeças por dia e era o único em operação na região norte. O que aconteceu foi uma desavença sobre valor do arrendamento, mas estamos vendo a disposição e a rapidez do governo em intervir e solucionar”.

A estratégia primeira do governo é insistir com a JBS, segundo o secretário Jaime Verruck. O governador Reinaldo Azambuja deve falar diretamente com o presidente do grupo. “Não está afastada a ampliação de incentivos fiscais, caso seja necessário”, disse Verruck.

Frigorífico Guaraní exportó más de 20.000 toneladas de carne en el año 2016

4 de Febrero de 2017| el 35% de los envíos al extranjero fueron a Chile el año pasado



El Frigorífico Guaraní exportó en el 2016 más de 20.000 toneladas de carne. Del total de esos envíos, el 35% fue para el mercado chileno, el principal destino de la proteína paraguaya premium, dijo ayer el directivo de la empresa Juan Carlos Pettengill, en una conferencia de prensa. Otros destinos fueron Rusia, Israel, Brasil y la Unión Europea.

El Frigorífico Guaraní dispone de una planta de tratamiento de efluentes líquidos, por medio de un sistema de lodo activado que brinda la posibilidad de reutilizar el agua, informó. / ABC Color

El Frigorífico Guaraní destina el 65% de su producción de carne a los mercados internacionales. Ayer, durante un recorrido por la faenadora, el empresario Juan Carlos Pettengill mostró un embarque de 24.000 kilos con destino a Chile y explicó que ese país no solamente es el principal mercado del Paraguay, sino que también del Frigorífico Guaraní.

Un 35% de sus exportaciones van a Chile, que compra 100% carne enfriada. “De las 110.000 toneladas que importó Chile en el 2016, 70.000 toneladas provinieron de Paraguay, de las diez plantas habilitadas”, comentó Pettengill. Destacó que se trata de un importante mercado no solo por el volumen, tamaño y calidad de los pedidos, sino por las exigencias.

De hecho, el Servicio Agrícola Ganadero –equivalente al Servicio Nacional de Calidad y Salud Animal (Senacsa) de Paraguay– realiza auditorías permanentes en dicho frigorífico nacional.

El proceso de producción cuenta, además, con importantes certificados internacionales, según destacaron sus directivos durante un recorrido por la planta ubicada en la avenida Santa Teresa, en Fernando de la Mora.

Otros mercados nichos y diferenciados a los que exporta el frigorífico, son: Suiza, Perú, Colombia, Egipto y Taiwán. También a países como Angola, Líbano, Hong Kong, Vietnam (a ciudad de Haiphong), Emiratos Árabes y Kosovo. “Estamos presentes en mercados muy exigentes y nuestra planta es auditada constantemente por expertos internacionales”, destacó Pettengill.

Faena y cortes

Durante el recorrido, el director del frigorífico señaló que en la planta son faenados diariamente unos 600 animales provenientes de campos habilitados por Senacsa; el 60% de ellos procedentes de la Región Occidental, en su mayoría de los departamentos de Boquerón y Presidente Hayes. El 40% restante corresponde la Región Oriental, mayormente de los departamentos de Caaguazú, San Pedro, Canindeyú y Amambay.

De acuerdo con los datos brindados por Pettengill, los cortes demandados por el mercado internacional varían de acuerdo con el destino, desde la preferencia por las proporciones anatómicas naturales y hasta solo los cortes del rump and loin (lomo, lomito, cuadril). En tanto que los cortes con mayor demanda del mercado local son la costilla con hueso y el vacío, así como también los ocho cortes Premium que ofrecen.

El Frigorífico Guaraní genera alrededor de 1.000 empleos directos, informó.